

GÊNERO, DIVERSIDADE E TECNOLOGIAS: EDUCAÇÃO PARA OS CORPOS NAS E PELAS MÍDIAS

Fabiane Freire França¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) como difusoras das pedagogias de gênero e diversidade com a finalidade de compreender a produção de corpos nas e pelas mídias. Nessa pesquisa compreendemos as TIC como campo de pesquisa da educação para as mídias que podem produzir e operar linguagens e ações sensibilizadoras para a formação dos sujeitos sociais frente aos desafios da sociedade contemporânea, bem como a liberdade de expressar e viver corpos *queers*, desconformes e dissidentes dos padrões hegemônicos. Nesse sentido, problematizamos: como as novas tecnologias podem contribuir para a compreensão da produção de corpos nas e pelas mídias que contemplem as discussões de gênero e diversidade? A metodologia da pesquisa está ancorada em uma intervenção dialógica, em rede, que propõe articular a produção de dispositivos tecnológicos, tais como, *websites*, redes sociais, documentários, filmes, publicidades, desenhos, etc, voltados à disseminação dos conteúdos que se referem às temáticas em pauta. Os resultados da pesquisa são oriundos das ações realizadas junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq). Consideramos que a produção e a utilização dessas tecnologias, nos variados meios, podem abrir espaços para a pluralidade das pedagogias de gênero, diversidade e corpos *queers*.

Palavras-chave: Educação, Tecnologias da Informação e Comunicação, Corpos, Gênero, Diversidade.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) como difusoras das pedagogias de gênero e diversidade com a finalidade de compreender a produção de corpos nas e pelas mídias. A pesquisa se ancora em uma intervenção dialógica em rede, que propõe articular a produção de dispositivos tecnológicos, tais como, *websites*, redes sociais, documentários, filmes, publicidades, desenhos, etc. Em vista disso, nos indagamos: como as novas tecnologias podem contribuir para a compreensão da produção de corpos nas e pelas mídias que contemplem as discussões de gênero e diversidade?

A metodologia utilizada para a realização da atividade foi organizada em encontros caracterizados como círculos dialógicos (FRANÇA, 2014) com participantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq). Os encontros

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento e do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão fabiane.freire@unespar.edu.br.

ocorrem mensalmente desde o primeiro semestre de 2017, em sala reservada pelas líderes do grupo na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão (Unespar) e tem duração de uma hora e meia. Os encontros são divulgados pelas redes sociais e é aberto à comunidade acadêmica e externa. Nos encontros são exibidas pesquisas de mestrado, doutorado, iniciação científica, projetos de extensão, dentre outras atividades vinculadas às temáticas Educação, Diversidade e Cultura.

Desse modo, os resultados da pesquisa estão organizados nos seguintes eixos de discussões: 1) Corpos desconformes no desenho animado *Steven Universe*; 2) Felipe Neto e as marcas produzidas nos corpos infanto-juvenis por meio das redes sociais; 3) *WebQuest* com ênfase em Corpo, Gênero e Diversidade. Cada eixo equivale a um recorte de pesquisa exibida pelo Gepedic e vinculada a pesquisa em rede da presente pesquisadora, autora deste texto. A seleção por estes três eixos refere-se a amplitude do objeto em dialogar com diferentes propostas midiáticas e tecnológicas que estão em destaque.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: ALGUNS DOS CAMINHOS

Os cursos de formação docente carecem de uma reestruturação que contemple o uso das tecnologias na educação, bem como práticas educativas voltadas às tecnologias digitais. As autoras Kenski (2012), França, Costa e Santos (2019) consideram fundamental a formação de profissionais conscientes e críticos que saibam utilizar as novas tecnologias nos mais variados segmentos.

Em vista disso, os encaminhamentos metodológicos desta pesquisa pressupõem um caráter qualitativo no que tange a discussão da teoria de gênero com o uso das novas tecnologias e as mídias. E como articular as TICS e as mídias aos estudos de gênero e sexualidade? Com a intenção de problematizar essas temáticas propomos um projeto de extensão organizado em grupos de estudos (caracterizados como círculos dialógicos) com estudantes de Pedagogia, docentes da Educação Básica, alunas de Iniciação Científica e comunidade externa.

A condição de dialogicidade foi usada como prática coletiva que possibilita a dinâmica e a coexistência de saberes. Este conceito dialógico está ancorado na Teoria das Representações Sociais (TRS) e converge com o diálogo proposto por Paulo Freire em seus círculos de cultura.

A atitude dialógica implica intercâmbios baseados no mútuo reconhecimento entre interlocutores/as diferentes em que os parceiros lutam para estabelecer comunicação e para lidar com os muitos obstáculos frequentemente associados a este processo. A atitude dialógica na pesquisa foi baseada tanto

no ato de ouvir o outro e permitir a expressão máxima possível do campo quanto na constante avaliação de como a realidade do campo abala e redefine a hipótese de trabalho, a teoria e os pressupostos do/a pesquisador/a (FRANÇA, CALSA, 2015, p.154).

Desse modo, as análises foram organizadas nos seguintes eixos de discussões: 1) Corpos desconformes no desenho animado *Steven Universe*; 2) Felipe Neto e as marcas produzidas nos corpos infanto-juvenis por meio das redes sociais; 3) *WebQuest* com ênfase em Corpo, Gênero e Diversidade.

Corpos desconformes no desenho animado *Steven Universe*² apresenta resultados, oriundos de uma pesquisa de Iniciação Científica. Compreende representações e os discursos presentes na segunda temporada da série de animação “*Steven Universe*”, exibida pelo canal de TV por assinatura *Cartoon Network*, com a finalidade de identificar como essa mídia pode ressignificar experiências e sentidos de gênero e sexualidade com crianças e jovens. Foram problematizadas questões ligadas às masculinidades e feminilidades, seus estereótipos e outras formas de expressão e identidade de gênero.

Como metodologia de pesquisa utilizamos a Etnografia de Tela, que segundo Carmen Silva Rial (2004) possibilita que o/a pesquisador/a imerja em um mundo cinematográfico, no enredo e narrativas da história, nos elementos que compõem e dão significados, nos símbolos, na interação entre espectador e a produção. Ou seja, a metodologia coloca o trabalho etnográfico da antropologia nas telas, o que significa que as mensagens transmitidas são entendidas enquanto construções e a interação com os espectadores geram significações, por meio das experiências subjetivas e coletivas. Ao optarmos por essa metodologia, organizamos fichas de análises para recolher os dados, para mapearmos questões como: títulos, tempo dos episódios, temas abordados dos episódios, direção e roteiro, resumo dos episódios e características das personagens (Cor, gênero aparente, idade aparente, protagonismo no episódio).

Em direção similar optamos por investigar as potencialidades das redes sociais para o trabalho com gênero e diversidade, como é o caso do eixo **2) Felipe Neto e as marcas produzidas nos corpos infanto-juvenis por meio das redes sociais**³. Esta pesquisa é também fruto de um projeto de iniciação científica que tem como objetivo discutir como as novas tecnologias têm ocupado cada vez mais espaço no cotidiano das crianças e jovens e como isso

² Parte destas análises foram divulgadas como resumo expandido no VI Simpósio Internacional em Educação Sexual (VI SIES) da Universidade Estadual de Maringá, com a autoria de Vanessa Bocardi Sabino, sob minha orientação no período de agosto de 2018 a agosto de 2019.

³ Parte destas análises foram divulgadas como resumo expandido no VI Simpósio Internacional em Educação Sexual (VI SIES) da Universidade Estadual de Maringá, com a autoria de Fabiana Simiguem Barboza, sob minha orientação no período de agosto de 2018 a agosto de 2019.

tem afetado e refletido em suas vidas, afinal, com o advento da globalização houve um grande avanço das tecnologias e desse modo o acesso às redes tornou-se cada vez mais facilitado.

É possível dialogar e contemplar estas questões - influenciadores digitais como Neto e suas redes sociais, desenhos animados que contemplam corpos desconformes como Steven Universe - por meio do que conhecemos como **3) WebQuest com ênfase em Corpo, Gênero e Diversidade⁴**.

Nos últimos anos, algumas pesquisas têm mostrado a existência de consideráveis percalços e lacunas na formação de professoras/es para um trabalho efetivo acerca das questões de gênero em sala de aula. Tal fato está calcado em parte, no fato de que os/as docentes não estão embasados/as por uma formação sólida, encontram-se em grande parte, alicerçados/as em “pedagogias” religiosas, higienistas, heteronormativas e experiências pessoais adquiridas ao longo de suas vidas (FRANÇA, 2014; LOURO, 1997; MARTELLI, 2011).

É nesse contexto que, percebemos na metodologia WebQuest (WQ), uma oportunidade para que docentes e demais sujeitos possam ter acesso de uma maneira alternativa às questões de gênero, sendo este um recurso por meio da *Web*, que orientam o sujeito ao cumprimento de uma tarefa/objetivo específico. É neste sentido que elaboramos a WQ intitulada “Gênero e Diversidade na Escola” e, posteriormente a apresentamos em uma semana de Formação Continuada de uma rede municipal de ensino, como veremos adiante, no decorrer deste texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Corpos desconformes no desenho animado Steven Universe apresenta as análises de alguns dos episódios da segunda temporada da série animada Steven Universe. Constatamos que o personagem principal, Steven, desafia e problematiza os padrões de gênero e sexualidade impostos pela sociedade. Nesta série as personagens não são definidas somente pelas características do sexo que aparentam, elas têm a personalidade construída ao longo da história, sendo resultado de suas ações e dos acontecimentos que favorecem o amadurecimento das mesmas. Desse modo, o desenho pode ser caracterizado como “uma mídia de comunicação inovadora por lidar, em sua construção de narrativa, com gêneros, etnias e sexualidades em suas

⁴ Pesquisa vinculada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em aprendizagem e desenvolvimento nos anos iniciais da Educação Básica na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) durante o ano de 2018. Parte destas análises foram divulgadas como resumo expandido no VI Simpósio Internacional em Educação Sexual (VI SIES) da Universidade Estadual de Maringá, com a autoria de Jean Pablo Guimarães Rossi, sob minha co-orientação. A WebQuest, oriunda desta pesquisa, está disponível no seguinte endereço: <https://sites.google.com/view/gnero-e-formao-docente/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>.

diversas formas de representação” (GOMES, SOUZA, PEREIRA, 2018, p.4), tornando-se assim uma ferramenta destinada ao público infanto-juvenil que se utiliza de metáforas e ludicidade para facilitar o entendimento desse público a respeito de assuntos sobre gênero e diversidade.

Segundo Belloni (2007) a mídia é uma das instâncias responsáveis por disseminar e enraizar pensamentos e ideais hegemônicos. Porém, o desenho animado Steven Universe desafia os padrões de masculinidade e feminilidade e apresenta uma constituição não convencional de família. Essas características estão presentes nos episódios da série e podem ser problematizadas e utilizadas como ponto de partida para promover discussões com crianças e jovens no ambiente escolar.

Por exemplo, Garnet é uma das personagens da série que apresenta ao público a diversidade de corpo, gênero e sexualidade, pois é resultado da fusão (junção de duas ou mais personagens para a criação de um ser maior e mais forte) de duas outras Gems⁵, Ruby e Sapphire, seres com cristais de núcleos diferentes, fazendo com que sua fusão seja considerada um grande tabu na sociedade das Gems.

As mídias destinadas ao público infanto-juvenil, como o desenho animado Steven Universe, adquiriram um papel relevante no processo de socialização do indivíduo, pelo fato de que até mesmo a escola, tem encarado “[...] dificuldades de enfrentar e/ou integrar as imagens e os valores difundidos pelas mídias e os modos de socialização entre pares que caracterizam muitos jovens de hoje (turmas, clubes, etc.)” (BELLONI, 2007, p. 60).

Com as análises dos episódios entendemos que a série animada, Steven Universe, pode ser utilizada como fonte para proporcionar o diálogo sobre as formas plurais de pensar os corpos desconformes, as masculinidades e feminilidades. A animação tem como alvo o público com faixa etária dos 12 a 16 anos. É necessário ressaltar que se trata de uma série animada que é transmitida e comercializada por um canal de TV por assinatura, o que implica em acesso restrito a determinados grupos. Todavia, com a expansão do acesso à *internet* é possível assistir as temporadas disponíveis em alguns *sites*⁶, o que torna o desenho mais acessível.

Porém, em pesquisa anterior (PETERSEN; FRANÇA, 2018), realizada em uma escola pública de Campo Mourão, com estudantes do 9º ano, dentre os 60 participantes investigados apenas 12 conheciam a série. Em resposta ao questionário, estes possuíam renda familiar superior a três salários mínimos. A concentração de renda também pode significar, em

⁵ Gems são as personagens consideradas alienígenas, originárias do Planeta Natal da série Steven Universe. Seus corpos são oriundos de minerais que variam conforme cada espécie de Gem.

⁶ <https://stevenuniverseportugues.wordpress.com/2a-temporada/>

determinadas realidades, domínio dos meios de comunicação e produção culturais, por isso a relevância da escola apresentar outros materiais e recursos audiovisuais, literários e artísticos para os espaços das salas de aulas.

Desse modo compreendemos os conceitos de masculinidades e feminilidades como relacionais na perspectiva dos Estudos de Gênero, são construções sociais e culturais que regulam nossas formas de ser homens e mulheres. Consideramos a mídia um dos meios de comunicação que pode reverberar ou refutar determinados padrões sociais e a série animada Steven Universe promove um enredo que contempla a diversidade e a diferença. Afinal, “se um grupo é estereotipado ou invisível para a mídia, ele acaba por ser estereotipado e invisível também para o grande público” (WASCHBURGER, 2018, p.6).

Além disso, a série apresenta representatividade para pessoas que não se encaixam nos padrões de gênero impostos pela sociedade, como o próprio personagem Steven, que por vezes rompe com a polarização do feminino e masculino, do bem e do mal, do sagrado e do profano.

De acordo com Almeida (2017) é necessário analisar a sociedade globalizada onde estamos inseridos, entender essa nova era digital, e atentar-se aos papéis dos meios de comunicação e a criação do chamado espaço cibernético, sendo a informação ilimitada sem divisões espaciais ou físicas. É nessa conjuntura que apresentamos os resultados do segundo eixo de análise: **Felipe Neto e as marcas produzidas nos corpos infanto-juvenis por meio das redes sociais.**

O objeto de análise da pesquisa foi o canal do *youtuber* Felipe Neto, que chama a atenção pelo número de usuários inscritos, e pela proporção de interação que seus vídeos alcançam. Almeida (2017) aponta que a “era digital” tem formado “comunidades virtuais” que possibilita uma interação virtual que se expande em redes globais, e também lança uma tendência à inovação, em que usuários de redes criam novas fontes de informação, entretenimento e novos negócios.

O canal do *youtuber* Felipe Neto atualmente conta com um total de 31 milhões de inscritos, sendo seu público alvo crianças e jovens. Em vista disso, é relevante analisar como esse fenômeno virtual é capaz de influenciar o modo de agir, pensar e consumir deste público, e até mesmo a formação e o desenvolvimento de suas subjetividades.

Nos vídeos de Neto foi possível notar que o *youtuber* seleciona vídeos de outros canais para analisar, como vídeos de coisas sendo destruídas por prensas, trituradores e outras sendo cortadas ao meio. Dessa forma, Neto cria novos conteúdos para seu canal, que atraem a curiosidade de seu público e de certa forma provoca um alto desejo de consumo.

Em alguns vídeos de Neto foi possível identificar discursos que reproduzem estereótipos de gênero, atribuindo papéis exclusivos ao campo feminino e masculino. Para Louro (1997) meninas e meninos estão continuamente se construindo e se transformando por meio de suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas. Assim, os sujeitos constroem suas subjetividades, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas formas de ser e de estar no mundo.

Ao analisar os comentários dos vídeos, percebemos uma grande interação por parte dos/as telespectadores, muitos demonstram admiração por Neto, outros/as mostram a vontade de ser como ele, e outros/as sugerem temas para novos vídeos. De acordo com Alves (2011), esta interação entre os usuários por meio de comentários eleva o ego do *youtuber*, influencia também suas publicações e a busca por um público alvo passa a ser impactada pelos comentários postados. O autor destaca que os comentários podem servir de dica para um novo vídeo com conteúdos sugeridos pelos/as usuários/as, desse modo “o *youtuber* se alimenta de suas visualizações” e o público passa a fazer parte da dinâmica de suas produções.

Os discursos de Neto evidenciam a reprodução de padrões de gênero quando o *youtuber* diferencia algumas atitudes e comportamentos como “papéis” exclusivos de meninas ou meninos. Em seu vídeo “10 coisas incríveis destruídas no triturador” publicado em 18 de julho de 2018⁷, Neto diz, “Se tem uma coisa que todo mundo gosta de ver são coisas sendo destruídas, eu não sei se mulher também tem, eu acho que é uma coisa meio masculina essa fixação por coisas sendo destruídas”. Em contrapartida, o vídeo recebeu comentários como: “Sou menina e eu adoro ver coisas sendo destruídas”; “Não é só homem não Felipe”, outra seguidora disse “Sou mulher e sinto muita satisfação também, queria ter um lugar para destruir”. Dessa forma, observamos que por mais que os/as telespectadores/as reajam de forma positiva aos conteúdos apresentados por Neto, há também interações discordantes, fazendo com que o *youtuber* repense alguns discursos e práticas presentes em seus vídeos.

Convocadas a integrar a prática performática em curso nos vídeos e montada de maneira semelhante em todos eles, as audiências coparticipam do processo, expressando suas opiniões por meio de comentários em texto e/ou em vídeos. O grupo de falantes também legitima o performer ao divulgarem sua produção audiovisual, gostando ou não dos vídeos e aderindo aos canais de Neto no YouTube (SALGADO, 2013, p. 177).

Outro vídeo postado por Neto na rede social *Instagram*, aborda a educação sexual no âmbito escolar. O vídeo é curto e Felipe diz que “a educação sexual é o que salva nossas

⁷ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=gZ_AG7mkcU&t=246s

crianças”, e também afirma que pode fazer com que a criança saiba que está sendo abusada em casa, pode contribuir para evitar doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e o início precoce de atividades sexuais. Notamos que Neto desliza em alguns aspectos ao direcionar falas a meninos e a meninas, no entanto aborda assuntos instigantes e que por muitas vezes são negados em nossa sociedade.

Os vídeos de Neto, desse modo, integram um conjunto de imagens que nos é apresentado cotidianamente, em alta velocidade, saturando o volume de informações que recebemos. Ficamos sem tempo, meio sem jeito de assimilar tudo que escorre nesse fluxo imagético que parece não secar (SALGADO, 2013, p. 178).

Neto é um fenômeno na internet, e a cada dia que passa consegue mais usuários inscritos em seu canal, desse modo é relevante analisarmos as interlocuções de seus discursos com a escola e a família. Orofino (2005) aponta que o silêncio não é o caminho, a família e a escola precisam abrir para o diálogo sobre o que se passa nesses momentos de entretenimento. Sendo assim “as mediações precisam ser potencializadas, desenvolvidas, trabalhadas” (OROFINO, 2005, p.51).

Com a intenção de potencializar estas mediações, sugeridas pela autora supracitada, que apresentamos o eixo três: **WebQuest com ênfase em Corpo, Gênero e Diversidade**. A metodologia WQ foi idealizada e criada no ano de 1995 pelo professor Bernie Dodge na Universidade Estadual de San, nos Estados Unidos. O intuito de Dodge ao criar esta ferramenta - que traduzida para a língua portuguesa significa “busca na Web” - foi apresentar a proposta de uma atividade de investigação orientada para uma pesquisa por meio de recursos e informações, oriundos da internet, fornecendo aos/as docentes, auxílio no desenvolvimento de suas atividades, de forma que os/as alunos/as se envolvessem em tarefas estimulantes na busca do conhecimento (PEREIRA, 2008; ROCHA, 2007).

Uma WQ é basicamente constituída de uma página na *Web*, que tem seu diferencial nos processos que a definem, bem como na tarefa que é proposta a ser cumprida. Sendo utilizada comumente com a intenção de “aproximar o assunto da realidade do aluno [...] tendo como intenção conduzir o aluno ao processo de construção do conhecimento” (ROCHA, 2007, p. 60). Uma das vantagens possíveis com a WQ é a grande variedade de assuntos, idades, níveis e áreas de conhecimento e situações de aprendizagem, para os quais pode ser adaptada (PEREIRA, 2008).

Tendo em vista a flexibilidade deste recurso, é que pudemos perceber a WQ como uma estratégia válida na formação de professores/as para as questões de gênero, haja visto o déficit

na formação docente para a abordagem desta temática em sala de aula, que, por vezes, acaba por cair em concepções hegemônicas, podendo, inclusive, corroborar com movimentos que têm se apresentado atualmente como o “Escola sem Partido” ou a suposta “ideologia de gênero”, que visam a retirada desta abordagem dos conteúdos escolares e da prática docente.

É pensando neste cenário que se apresenta na atualidade, bem como na importância da formação docente para a temática de gênero, que construímos um material por meio da metodologia WQ, com o propósito de contribuir para a formação de educadores/as a fim de uma abordagem mais efetiva sob esta temática na escola.

Uma WebQuest possui basicamente seis itens: Introdução, Tarefa, Processos, Recursos, Avaliação e Conclusão, podendo passar por algumas reestruturações, de acordo com as intenções de quem está construindo. Na seção de “Introdução” da WQ, apresentamos as/aos docentes um histórico das discussões de gênero, atreladas aos movimentos feministas caracterizados como: “Primeira, Segunda e Terceira Onda” (LOURO, 1997). Em seguida também apresentamos as diferenciações entre gênero e sexualidade, bem como algumas das ideias equivocadas que têm cerceado o tema atualmente. A ideia neste ponto é introduzir e ao mesmo tempo oferecer um respaldo ao/a educador/ra iniciante acerca dos conceitos e conteúdos de gênero e diversidade.

Logo em seguida, na Seção acerca da “Tarefa”, explanamos os passos a serem seguidos na utilização da WQ e cumprimento da atividade que propusemos. Em suma, a atividade constitui-se em um primeiro momento na exploração dos materiais disponibilizados em três outras seções do material, sendo eles: “Sugestões de vídeos e filmes”; “Sugestões didáticas” e “Livros, histórias e bibliografia para *download*”. Propomos que escolhessem um dos recursos apresentados em uma destas três seções (vídeo, história, dinâmica ou filme) e, em seguida, aplicassem com suas respectivas turmas. Ao fim, pedimos para que compartilhassem com outros colegas de profissão as suas experiências, como dúvidas, receios, aspectos positivos e negativos que surgissem durante a atividade

Ao final, foram criadas também outras duas seções intituladas “Processos” e “Considerações Finais” com a intenção de verificar se o/a educador/ra cumpriu os passos propostos para a tarefa e posteriormente, passamos para a conclusão e agradecimentos àqueles/as que se propuseram a explorar o material.

Destacamos que para a exposição da WQ desenvolvida durante a semana de Formação Continuada no município de Iretama-PR, apresentamos primeiramente aos/as docentes presentes - atuantes dos anos iniciais da educação infantil e ensino fundamental – uma palestra intitulada “Mulheres na escola: uma metodologia para o trabalho de gênero”; no qual

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

abordamos a história do movimento feminista, os conceitos de gênero e sexualidade e grandes figuras femininas na história. Logo em seguida, sugerimos a utilização da WQ, explicando de forma detalhada o manuseamento do recurso, almejando a compreensão destes/as docentes para um trabalho de gênero com seus alunos e alunas.

Os resultados dos três eixos de análise apontam para a relevância em se pensar novas tecnologias nas práticas educativas, haja visto a ineficácia de métodos tradicionais e conservadores. No que diz respeito a WQ, percebemos que nos campos em relação a formação docente e, principalmente no que concerne as questões de gênero, este recurso é ainda mais uma novidade. A literatura científica ainda não apresenta estudos entre a metodologia WQ e as relações de gênero para formação de educadoras/es, o que se mostra ainda mais como um campo desafiador e instigante para pesquisadores/as que hoje começam a procurar por novos caminhos para a formação docente acerca desta temática.

Nesta direção, Orofino (2005) considera o conceito de tecnologia para além dos termos técnicos e instrumentais, pois é necessário compreender a produção do conjunto de (novas) técnicas em suas dimensões históricas, sociais, culturais, políticas, econômicas, dentre outras como é o caso do trabalho realizado por nós com a WQ.

De forma semelhante, Belloni (2007) considera que a mídia e a tecnologia da informação e comunicação (TIC) provocaram mudanças significativas nas instâncias sociais, afinal família e Igreja se renderam ao uso dessas mídias, e a escola precisa se atentar a uma formação crítica e consciente da utilização dessas produções.

O grande desafio inicial, em termos de realidade brasileira, é a formação de professores/as capazes de lidar com estudantes e situações extremas: dos/as alunos/as que já possuem conhecimentos tecnologicamente avançados e acesso pleno ao universo de informações disponíveis nos múltiplos espaços virtuais aos que se encontram em plena exclusão tecnológica, sem oportunidade para vivenciar e aprender nesta nova realidade; das instituições de ensino equipadas com as mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para se trabalhar (KENSKI, 2001).

Nos deparamos com dois caminhos – Estudos de Gênero e Novas Tecnologias – que precisam ser considerados e revistos pelas estruturas educacionais em nível básico e superior, em seus currículos, formação e ação, bem como na articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Nessa conjuntura, um dos desafios da escola contemporânea é responder como contribuir para a formação crítica de crianças e jovens no que tange a formação de suas identidades, e, como reitera Belloni (2007), apresentar estratégias para que se tornem pessoas criativas e conscientes no uso das ferramentas midiáticas, e não meras consumidoras de

representações padrões e clichês, sobretudo em um momento tão crucial como este em que a disseminação de notícias falsas tem sido alavanca ao ataque tanto a escola pública brasileira, universidades, quanto aos Estudos de Gênero.

E por que analisar o impacto das mídias e novas tecnologias nos corpos? Ficher (1997, p. 61) considera que há um “estatuto pedagógico da mídia” que não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos”, nessa direção considera a sistematização do “estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também, como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 63).

É notório que a educação vem passando por transformações com a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A inovação e a chegada de outras ferramentas tecnológicas têm requerido que a escola repense suas práticas e se (re)organize diante do quadro das tecnologias.

A educação no contexto contemporâneo globalizado abarca o uso de novas tecnologias como um componente que já se faz indispensável na dinâmica educacional, servindo de suporte e de material ao professor para a aprendizagem em diversas áreas do conhecimento, com vistas a superar a perspectiva meramente instrumentalizadora do recurso tecnológico (FETTERMANN; CAETANO, 2016, p. 25).

Todavia, é preciso que as instituições educacionais e os órgãos de fomentos contribuam nesse processo. Afinal,

O discurso em prol da inovação no processo de ensino e aprendizagem está presente em documentos oficiais do Ministério da Educação, em publicações científicas e no cotidiano de nossas escolas e universidades. A educação busca acompanhar o ritmo do desenvolvimento tecnológico, que se mostra tão presente na Sociedade da Informação e do Conhecimento. Assim, as informações podem ser consideradas a base do conhecimento, mas o conhecimento apenas se consolida quando as informações se relacionam em redes de sentidos, significações e análises críticas (FRANÇA, COSTA, SANTOS, 2019, p. 654).

Por isso optamos por atrelar as discussões tecnológicas e midiáticas - produções de séries animadas, como Steven Universo, redes sociais como a expansão e crescimento de determinados *youtubers* como Felipe Neto e a possibilidade de sistematização destes conteúdos e tantos outros como documentários, vídeos, filmes acerca de gênero e diversidade por meio da WebQuest - em websites que possam sistematizar e organizar o conteúdo a ser dialogado e dinamizado com os sujeitos que buscam por conhecimentos em fontes confiáveis. Tais

iniciativas têm como intenção contribuir no processo de formação docente e discente, em todos os níveis de ensino bem como problematizar e desconstruir discursos fundamentalistas e conservadores.

Louro (1997; 2004) assinala que tanto na escola quanto em cursos de formação docente, gênero e diversidade são temas pouco abordados. E mesmo quando são contemplados, as discussões se limitam a uma concepção biologizante ou moralista, ora tratam das precauções contra as doenças sexualmente transmissíveis apresentando o sexo como perigo, ora tratam da formação binária de homens e mulheres como sujeitos marcados somente pelas diferenças biológicas: homem forte *versus* mulher sensível.

Tais representações são explanadas também pela mídia e circulam nas escolas, sejam por meio das imagens que alunos/as e professores/as exploram e produzem, ou pelas discussões acerca de determinada novela ou filme, ou as músicas cantadas que reproduzem e reverberam identidades sexuais e de gênero.

Como expresso por Louro (2004) e Sabat (2001) os Estudos de Gênero em conexão com os Estudos Culturais nos permitem discussões em torno da produção de representações docentes, da infância, dos jovens, bem como dos discursos que têm sido veiculados e por várias instâncias sociais, dentre elas a escola a mídia (televisiva e impressa). Diferente de pesquisas que apresentam as novas tecnologias e as mídias somente como reprodutoras das identidades de homens e mulheres, optamos por abordá-las como um campo de pesquisa que possa contribuir à formação docente (inicial e continuada) e dos sujeitos interessados, por meio de diálogos que contemplem gênero e diversidade em suas conexões com classe social, raça, etnia, inclusão, geração, religião, entre outras.

Sendo assim, a implementação da educação para as mídias e das novas tecnologias para as discussões de temas contemporâneos como gênero e diversidade é um dos caminhos para assegurar uma formação crítica e criativa voltada aos direitos humanos e a cidadania. E o grupo de estudo, aberto também à comunidade externa, foi um recurso utilizado para este fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos, neste texto, investigar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) como difusoras das pedagogias de gênero e diversidade com a finalidade de compreender a produção de corpos nas e pelas mídias, intencionamos apresentar as potencialidades de algumas das mídias para o processo de dialogicidade sobre gênero, diversidade e os corpos que escapam das normas, os *queers*, os sujeitos que se sentem exóticos,

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

fora de ótica ou excêntricos, fora de centro. Um dos exemplos é o personagem Steven Universe que apresenta em sua identidade características de feminilidade e masculinidades, destoa da percepção normativa dos sexos como opostos e conseqüentemente possibilita representatividade de crianças e jovens que se identificam com corpos dissidentes.

Situação semelhante ocorre quando constatamos que um dos maiores influenciadores digitais, Felipe Neto, tem recebido de seus/suas seguidores/as sugestões de como direcionar seus discursos a esta nova geração que tem apresentado um protagonismo diferente da aceitação em massa do que as mídias oferecem. Felipe Neto se destaca por apresentar ao seu público um corpo que ora escapa aos padrões, ora atende às normas sociais e mercadológicas, mas seus/suas seguidores/as parecem estar atentos para questioná-lo e colocar seus discursos em suspenso sempre que necessário.

E com a metodologia WQ entendemos ser possível sistematizar as pesquisas para mediar e divulgar os conhecimentos tanto em espaços escolares quanto não escolares. O grupo de pesquisa foi um canal para esta divulgação, mas com a internet, por meio da produção destas websites educativas, podemos expandir a outros grupos e comunidades.

As pesquisas apresentadas, em forma de rede no grupo de estudo, nos possibilitaram compreender como a mídia tem ocupado parte da vida dos indivíduos, uma vez que o papel de ensinar deixa de ser atribuído apenas às escolas, afinal, as mídias também exercem o estatuto pedagógico, pois passaram a constituir parte da vida dos sujeitos, sobretudo crianças e jovens. Desse modo, tanto a família quanto a escola precisam desempenhar meios de problematizar com este público os conteúdos dos vídeos, das redes sociais, dentre outros que são expostos. Sendo assim, precisamos criar espaços de diálogos com as crianças e jovens que potencializem sua capacidade crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. H. **Empreendedores digitais:** Uma análise de caso dos *youtubers* Felipe Neto e Kéfera Buchmann. Rio de Janeiro, 2017.

ALVES, N. G. **Minha vida é uma tela aberta:** diários de jovens no youtube. Niterói, 2011.

BELLONI, M. L. **Infância, mídias e educação:** revisitando o conceito de socialização. Perspectiva. Florianópolis, v. 25, n.1, p. 57-82, 2007.

FETTERMANN, J. V.; CAETANO, J. M. P. **Ensino de línguas e novas tecnologias:** diálogos interdisciplinares. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

FRANÇA, F. F. CALSA, G. C. A contribuição da dialogicidade de Paulo Freire aos Estudos de Gênero e à Teoria das Representações Sociais: um relato de experiência. . In: MILITÃO, S. C. N.; DI GIORGI, C. A. C.; MILITÃO, A. N.; FRANCISCO, M. V.; LIMA, M. R. C.. (Orgs.). **A atualidade de Paulo Freire frente aos desafios dos século XXI**. Curitiba: CRV, 2015. p. 153-163.

FRANÇA, F. F. COSTA, M. L. F. SANTOS, R. O. As novas tecnologias de informação e comunicação no contexto educacional das políticas públicas. **ETD - Educação Temática Digital**, 21(3), 2019, p. 645-661. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i3.8654687>

FRANÇA, F. F. **Os estudos de gênero na Educação Básica: intervenção pedagógica na formação docente**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2016.

FRANÇA, F. F. **Representações Sociais de gênero na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

GOMES, L. S.; SOUZA, J. N.; PEREIRA, R. M. Laços de Amor: a família não nuclear em Steven Universo. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte, MG – 7 a 9/6/2018.

KENSKI, V. M. **Educação e novas tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KENSKI, V. M. **Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais**. In: BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In LOPES, Denilson e outros (orgs.). **Imagem e Diversidade Sexual. Estudos de Homocultura**. São Paulo, Nojosa edições, 2004, p. 23-28.

MARTELLI, Andréa Cristina. Práticas Docentes e Imaginários da Sexualidade. In: DESIDÉRIO, Ricardo; CAMARGO, Hertz Wendel de (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma, 2011. p. 23-42.

OROFINO, M. I. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PEREIRA, Rosimary Wagner. **Webquest: Ferramenta Pedagógica para o Professor**. Portal Dia-a-dia Educação, Paraná, Programa de desenvolvimento educacional (PDE), p. 1-52, 2008.

PETERSEN, Pedro Augusto. FRANÇA, Fabiane Freire. “Steven Universe”: Masculinidades e suas representações. In: **III Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Resumo. 2018.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. Florianópolis: **Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC**, 2004. Disponível em: <<http://apm.ufsc.br/files/2015/05/74.-carmen-midia.doc>>. Acesso 31 jul 2019.

ROCHA, Luciano Roberto. **A concepção de pesquisa no cotidiano escolar**: possibilidades de utilização da metodologia WebQuest na educação pela pesquisa. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SALGADO, Tiago B. Pereira. **Experimenta-te a ti mesmo**: Felipe Neto em performance no YouTube. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. 191 f.

STEVEN UNIVERSO: libertador. Criação: Rebecca Sugar. Direção: Elle Michalka, Nick DeMaio e Ian Jones Quartey. Produção: **Cartoon Network Studios**. 2013.

WASCHBURGER, Carina Schröder. Assunto para Criança: como o desenho animado Steven Universe subverte normas sociais de gênero e identidade sexual. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Joinville, SC – 2 a 8/09/2018.